

**“Autoritarismo Afetivo: a Prússia como sentimento”**

**Gisálio Cerqueira Filho**, Editora Escuta, São Paulo, 2005, 130 pp.

R\$ 22,00

*(Release)*

Realizando uma interação do singular com o universal, do mais antigo com o mais moderno, da razão com a emoção, aproximando os espaços distantes e temporalidades distintas, o autor realiza uma espécie de ajuste de contas com o autoritarismo. Países que experimentaram uma “via prussiana” de passagem ao capitalismo (expressão cunha por Lênin para estudar o caso russo) foram e são vítimas de ciclos autoritários duradouros.

Matemas da psicanálise são usados para interrogar, práticas, saberes e afetos “pussianos” (e, portanto, autoritários) que duram até hoje. Desde sua tese de doutorado (“A questão social no Brasil: crítica do discurso político”, Civilização Brasileira, 1982), o autor vem usando elementos da teoria psicanalítica como método de análise, em campos como a ideologia, a política e o direito.

Em “Autoritarismo Afetivo”, Gisálio Cerqueira Filho refina seu método. A falta do Outro - esse real da psicanálise - que, Sigmund Freud descobriu na clínica e designou-a como castração, é aqui buscada no campo da cultura, investigada a partir da lógica, tanto do significante inscrita na ideologia e nas lutas históricas, quanto na economia do gozo.

## AUTORITARISMO AFETIVO: A PRÚSSIA COMO SENTIMENTO

*Gizlene Neder \**

O livro de Gisálio Cerqueira Filho “Autoritarismo Afetivo: a Prússia como sentimento” vem em boa hora. Boa hora, primeiramente, porque atualiza e sintoniza o leitor brasileiro em assuntos que, aparentemente, estão muito distantes, pois que referidos a uma região distante: a Prússia. De fato, a Prússia, enquanto região e formação histórica, estaria longe dos brasileiros em dois sentidos. No sentido geográfico, porque se situa no leste europeu, onde os problemas das fronteiras imaginárias e histórico-sociológicas entre ocidente e oriente estão distantes de qualquer vivência afetiva entre nós; lá estes problemas pululam e produzem efeitos políticos, ideológicos, sociais e psicológicos que se traduzem nas vivências e práticas de seus habitantes, homens e mulheres de carne e osso. No sentido histórico, há, também uma aparente distância: a Prússia – a designação da região situada á nordeste da Alemanha – deixou de figurar nos mapas e atlas históricos desde o segundo pós-guerra (1945). Historicamente,

portanto, a Prússia estava associada à formação de um Estado Absolutista, dentro do Império Germânico, pela Casa do Hohenzollern através da unificação Bradenburgo-Prússia, desde 1608.

Entretanto, distanciamento geográfico e histórico à parte, um estudo que toma a Prússia como tema é atualíssimo e nos dizem muito respeito. Atualíssimo, pois dentro em breve, os alemães da região do Bradenburgo deverão comparecer às urnas para votar, num plebiscito, acerca da pertinência do retorno da designação *Prússia* para a região. Os leitores brasileiros terão, então, uma rara oportunidade de ler e se informar acerca de vários aspectos relativos àquela região. O plebiscito está sendo convocado devido à proscrição das expressões Prússia, prussiano terem sido suprimidos (reprimidos) por estarem associados ao autoritarismo inscrito na ideologia autoritária e nas práticas nazistas. De outro lado, a atualidade do estudo de Gisálio Cerqueira Filho, e a sua pertinência e validade social para nós brasileiros, deve-se, sobretudo, ao enfoque adotado pelo autor. Ao falar do absolutismo afetivo de lá – dos prussianos – Gisálio Cerqueira nos brinda com um estudo sobre o absolutismo afetivo que perambula pela formação ideológica e afetiva brasileira. Seu enfoque difere, portanto, daqueles estudos que, na década de 1980, buscaram teorizar acerca da “via prussiana” de passagem à modernidade, e trabalharam no sentido da identificação dos métodos, formas e articulações políticas moderno-conservadoras que, na formação histórica e política brasileira, aproximavam-na do prussianismo.

Intelectual crítico, de longa carreira no ensino e na pesquisa nas Ciências Sociais no Rio de Janeiro, sempre com preocupações teóricas e metodológicas situadas na busca das inovações epistemológicas que tem implicado estudos sobre o poder e o campo político nas fronteiras entre a Ciência Política, a Sociologia, a História e a Psicanálise, o autor realiza neste livro uma pesquisa sobre sentimentos e emoções relacionados ao autoritarismo afetivo, a partir da literatura e do que ela tem a nos oferecer enquanto sintoma e pré-texto, para a prática teórica que o tempo presente, na sociedade brasileira, está a exigir. O exercício metodológico é feito a partir de uma perspectiva onde o humanismo crítico salta à vista e não dá para que o leitor, diante da alusão ao prussianismo, enquanto sentimento, não pense no autoritarismo afetivo nosso de cada dia.

O estilo é o do ensaísmo acadêmico erudito e refinado, colocado sob a forma de uma narrativa clara e instigante.

\* Pesquisadora e Professora de História Moderna e Contemporânea na UFF. Bacharel em História pela PUC-RIO, “Mestre” em Ciência Política pelo IUPERJ e Doutora em História Social pela USP. Coordenadora do Laboratório Cidade e Poder (PPGHT-UFF) e sócia da ABCP.